

ETHOS & BERUF

*Algumas perspetivas do Modo-de-Ser e Vocação
nas sociedades ocidentais contemporâneas¹*

Paulo Ferreira da Cunha²

Resumo: Se, *grosso modo*, pudermos assumir o paradigma de *ethos* como a marca de um modo-de ser, traduzida em costumes, usos, hábitos, valores e mesmo um caráter (tudo conceitos em crise e em crítica) compartilhados por um determinado grupo social ou setor social, teremos um palco de interação humana em que se desenham, para cada um (podendo depois agregar-se na análise), as propensões, as predileções, as particulares competências, os sonhos sobretudo de carreira, e o sentido (real ou imaginado ou ficcionado) de uma missão pessoal ou de um propósito que dá marca individual e eventualmente garantiria a sua singularidade. É essa a vocação (que também é profissão), *Beruf*. De forma não sistemática e menos ainda exaustiva, o presente texto agrega algumas perspetivas pontuais, situações em que se coloca em diálogo *ethos* e *Beruf*.

Palavras-chave: *Ethos, Beruf, condição, modo-de-ser, caráter, profissão, vocação, gerações, profissões jurídicas, artistas, obras, delicadeza.*

Abstract: Broadly speaking, if we can assume the paradigm of *ethos* as the mark of a way of being, expressed in customs, usages, habits, values, and even a character (all concepts under crisis and critique) shared by a particular social group or social sector, we have a stage of human interaction in which, for each individual (and later aggregable by ulterior analysis), emerge propensities, preferences, particular competencies, dreams — especially career-related — and the sense (real, imagined, or fictionalized) of a personal mission or purpose that gives an individual mark and might eventually guarantee their uniqueness. This is vocation (which is also profession), *Beruf*. In a non-systematic and far from exhaustive way, this text brings together some specific perspectives, situations in which *ethos* and *Beruf* are placed in dialogue.

Keywords: *Ethos, Beruf, condition, way of being, character, profession, vocation, generations, legal professions, artists, works, delicacy.*

¹ Os dos primeiros pontos deste artigo inspiram-se muito diretamente em dois artigos oferecidos à publicação portuguesa “As Artes entre as Letras”, agradecendo-se à sua Diretora, Senhora Dr.^a Nassalete Miranda. A última parte tem intertextualidades com uma pequena passagem no final do nosso livro (no prelo) *Escolher Direito*, agradecendo-se às Edições Esgotadas, nas pessoas das Senhoras Professoras Doutora Ana Maria Oliveira e Doutora Teresa Adão.

² Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto – com funções suspensas para o exercício do primeiro cargo.

I

A OBRA COMO VOCAÇÃO.

PESSOAS & OBRAS

Pelos seus frutos os conhecereis

Mt., VII, 16

O carinho do criador pela sua obra, a que sacrifica tanto, é tocante e intrigante para quem se move por outros padrões e valores. E a verdade é que a esmagadora maioria das pessoas não são artistas, escritores, cientistas, ou sequer « intelectuais »... nem têm tido formação escolar, familiar ou mediática capaz de os iniciar nessas áreas, andanças e modos-de-ser. O ethos do criador é, assim, algo de muito distante das pessoas comuns, as quais, na melhor das hipóteses, são levadas por algum mediatismo (quando o haja) a glorificar algumas estrelas. Porém, são mais as do espetáculo, do desporto, etc., cuja « obra » parece, em geral, ser mais evanescente. Obviamente que cantores / compositores de alta craveira têm uma obra. Mas a muitos outros não é fácil enquadrar nessa categoria. Sobretudo quando os seus êxitos são passageiros. Eventualmente fixados pelo cinema ou vídeo, mas temos pouco hábito de juntar um compositor ou mesmo um grande cantor lírico, assim como um poeta ou um químico inventor com alguns jornalistas, comentadores, artistas e desportistas (*inter alia*) que passam como cometas.

À obra, os estruturalmente artistas ou intelectuais, tudo sacrificam: não apenas a fortuna³, como família, até a saúde e, no limite, a vida. Se, numa pessoa, a sua obra intelectual parece ser o mais importante, não deixará de ser pertinente colocar uma hipótese: não poderá ser alienação? Não estará a viver num sonho particular, numa « bolha », como hoje se diz?

Atentemos na magnitude de esforços comparada com a gota de água produzida no imenso oceano da autoria. Acaso não passará pela cabeça a estes criadores que a

³ Ou os magros proveitos que tenham... Nem todos são abastados, embora uma leitura social da História da Literatura, por exemplo, revele que havia muitos nomes literários célebres com posição de relevo. Como será hoje compete à sociologia averiguar. Há muito romantismo em torno de pessoas que conseguiram subir vindas “do nada”, o que reforça a ideologia dita meritocrática, que todavia já está a ser posta em causa como discurso legitimador... V., para o antigo “álbum de glórias” literário, sobretudo as referências biográficas in BELL, Aubrey F. G. – *A Literatura Portuguesa (História e Crítica)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1971.

possibilidade de repercussão real do seu trabalho é remotíssima? Não só de receção pura e simples, como de influência social. Podem chegar a meia dúzia de amigos, com sorte a um nicho do público, num país, em vários, até no mundo, mas por quanto tempo? A quantos é dada uma fama perene? Como, por tão escasso renome, pode haver tanto sacrifício? Talvez porque não possam agir de outro modo, e achem que devem tentar deixar marca no mundo. Pequeníssima e efémera, mas terão cumprido o seu dever. Estamos em crer que, mais que a ilusão da glória e da imortalidade, será, em muitos, a obrigação de *cumprir um dever* que os move. E isso os enche de contentamento, orgulho e dá sentido às suas vidas – não pequena recompensa. É natural que muitos que sejam megalómanos e maus avaliadores, mas o que importa, afinal, é que julgando trabalhar para um público, no limite a posteridade, o bem psicológico que retiram é pessoal. Será por isso que há recomendações de auto-ajuda que incentivam as pessoas comuns mais ou menos deprimidas a se dedicarem não só ao desporto e exercício físico, mas também a atividades artísticas ou de criação. Mesmo a ficção de se ser artista, escritor, cantor, etc. pode ajudar muito. E, como se sabe, de algum modo (e cremos que sem o saber) terá sido Marx neste campo um precursor, na medida em que vaticionou uma muito alargada prática artística e afim, depois do tempo de trabalho requerido, numa sociedade ideal, que concebia como futura.

Voltemos aos criadores. Dirão por isso muitos que F. ou B. fizeram isto e aquilo, por entre mil dificuldades e sacrifícios, mas no final se quedaram com « uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma », para retomar o impressivo título de Irene Lisboa. Não sejamos cínicos. Qual a alternativa? Martinho Lutero, na Dieta de Worms, teria dito que *não podia fazer de outro modo*. Parece que a expressão é apócrifa, mas é muito difundida e significativa de uma forma de atitude.

Ao ver a maneira ingénua e narcisista com que alguns (desde sempre – é uma história de séculos) acarinham os seus egos na entronização do que de intelectual fizeram, os cidadãos comuns podem ficar entre chocados e espantados, e neles assomar sorriso irónico: *too much ado about nothing*. Sim, mas a alternativa?

A alternativa aparenta ser menos valiosa do ponto de vista ético, estético, etc. F. ou B. imolou-se no altar da Arte. Ao chegar a um momento panorâmico na subida da montanha, parou a contemplar a sua obra, *e viu que tudo isso era muito bom*. Vaidoso, pedante – seja.

Porém, que fizeram, entretanto, os demais? Divertiram-se inconscientemente, erraram pela vida, trabalharam sem objetivos, alheios a metas, rotineiramente. Brigaram

sem motivos nobres, intrigaram, falaram mal dos demais, posaram vaidosos, também, com futilidades de aparências várias. Enfim, trataram das suas ridiculíssimas vidinhas (umas, concede-se que respeitáveis, até porque duras, dificeis – não generalizemos demais), e seguiram, quando puderam, o grande e universal lema de Guizot – tentaram enriquecer (*Enrichissez-vous!*). Fraco contrato social esse, mas é o que muitas vezes se pode ter. Pior: a maioria não pode sequer a ele aspirar, porque se trata tão-só de ir sobrevivendo, em vida apagada, não raro austera por motivos alheios e até por vezes vil, mas em muitos casos triste (para retomar Camões⁴). Mesmo quando com momentos eufóricos, há muitas vidas tristes, e muitas delas secas (retomando o título de Graciliano Ramos). Os anónimos que fizeram sempre girar as rodas dentadas do Mundo, que labutaram arduamente, sem prémio e sem tempo para parar, todos eles, se por um momento pensaram nas suas vidas, com olhos de ver (ou de pensar), puderam achá-las fúteis ou, pelo menos, sem sentido.

A sociedade tem, contudo, mil e um ardís para lenimento e bálsamo das dores, e também vendas, antolhos e óculos de entes coloridas. Há, assim, alguns feitos que tradicionalmente servem para legitimar os percursos, tranquilizar mentes mais agitadas e aquecer corações, como os de sustento e enriquecimento da família, e especificamente criação da prole, designadamente dando-lhe cursos e vendo-a triunfar na vida profissional e na riqueza. Estes e alguns outros (ou variantes: como, tradiconalmente, o orgulho na vocação militar, médica, ou religiosa dos filhos ; hoje haverá outros orgulhos, desde logo financeiros⁵) costumam apaziguar tentações de balanços menos bons. Curioso que, em geral, pouco se fale em afetos.

Felizmente, graças aos apaziguadores gerais culturalmente transmitidos, não temos imensos frustrados (muito menos há dos que sem tais subtilezas e ardís sociais/mentais certamente existiriam). Mesmo o simples cumprir de funções consabidas da existência (como a maternidade e a paternidade, e suas obrigações mínimas de cuidado, alimentação e educação...tudo se resumindo na *Educatio* que para

⁴ CAMÕES, Luís Vaz de – *Os Lusíadas*, X, 145.

⁵ Uma reminiscência de ética de casta (que é a face visível de uma complexa gramática da trifuncionalidade indo-europeia) ainda é relatada, por exemplo, com a aversão de um pai militar (oficial do exército italiano) ao exercício pontual de uma atividade lucrativa (nem sequer especulação financeira) por parte de um tio médico veterinário na conversável e original obra de COCCIOLO, Carlo – *Buda y su glorioso mundo*, trad. port. de Artur Guerra, *Buda e o seu glorioso mundo*, Lisboa, Cotovia, 1992, pp. 43-44. Mesmo o próprio autor consigna que nunca vendeu nada na vida, nem mesmo um automóvel. Até que ponto esta deontologia permanece hoje, e em que estratos sociais? A partir de quando os jovens começaram a esquecer-se de alguns *totens e tabus*? São inegavelmente sinais dos tempos...

os Romanos já era de Direito Natural, aliás comum aos animais e aos humanos⁶) é, para muitos, enormíssimo motivo de orgulho. Devemos sublinhar que com razão⁷, porque não se pede de cada um/a que seja herói, sábio, santo ou algo do género. Trata-se de fazer o seu dever, e fazê-lo bem é uma coisa extraordinária, para mais num tempo em que está demasiado à vista que muitos não o conseguem. E alguns até o rejeitam. Por exemplo, alguns dos *nem-nems* (que não trabalham, nem estudam) parecem assumir essa condição (que implicará necessária dependência, do Estado ou da família ou amigos, ou indigência) não verdadeiramente por falta de oportunidades, mas por cansaço anímico, por acídia⁸, ou por «rebeldia» social inconsequente e autodestrutiva.

É caso para que a pessoa comum esteja contente consigo mesma por ter dado o seu melhor no emprego e na família, e mais ainda se conseguiu cumprir na vizinhança, na Cidade, etc. Mas ao menos na família e no trabalho, por humilde que seja. Tudo isso é eticamente decerto mais valioso que a vida de alguns diletantes, bafejados pela sorte material e até pela fama.

Cada um se orgulha e acarinha o que lhe apraz. Isso também é Liberdade e Pluralismo no quotidiano. A Democracia deve deixar aos artistas e intelectuais a liberdade de estarem enamorados pelas suas obras, assim como a outros a sede de sorver

⁶ D. 1.1.1.3, AQUINO, Tomás de – *Summa Theologiae*, I-II, Q. 94, Art.2, Resp. Interessante é também confrontar já com a Paideia helénica. V., por todos, JAEGER, Werner — *Paideia, Die Formung des Griechischen Menschen*, Berlin, Walter de Gruyter, 1936, trad. port. de Artur M. Parreira, *Paideia. A Formação do Homem Grego*, Lisboa, Aster, 1979.

⁷ É sim, com razão o orgulho da condição e da atividade (hoje em dia muitíssimo mais exigente) de se ser Pai ou Mãe. Porém, com o risco de incompreensão de alguns, quiçá de muitos, não pode o observador que se quer isento deixar de apontar uma perversão deste estatuto parental que consiste no simétrico da hoje descoberta (mas sempre existente, embora obviamente condenável) alienação respetiva. Trata-se de fenómeno também antigo, já verberado pela sabedoria popular em provérbios, fábulas, etc., por exemplo, a da águia e sa coruja, glosada por La Fontaine e Monteiro Lobato. Hoje temos já o chamado "Sharenting" (fusão de *sharing* e *parenting*), prolongamento digital da fábula da águia e da coruja. Trata-se, obviamente, de um comportamento a que poderíamos aqui com propriedade considerar tóxico, de validação por interpresa pessoa (os filhos), narcisismo diferido. Já começa a haver tratamento ficcional (sobretudo literário e cinematográfico) do tema, e até preocupação jurídica com a questão, nomeadamente diretrizes da UNESCO sobre proteção de crianças e da sua imagem na *Internet*. Cf. LA FONTAINE, Jean de – "L'Aigle et le Hibou", *Fables de La Fontaine*, V, XVIII, Paris, Barbin, 1668, LOBATO, Monteiro – "A Coruja e a Águia". In: *Fábulas*. São Paulo: Companhia Gráfico-Editora, 1922; VIGAN, Delphine de – *Les enfants sont rois*, Paris, Gallimard, 2021; HAIDT, Jonathan – *The Anxious Generation: How the Great Rewiring of Childhood Is Causing an Epidemic of Mental Illness*, Nova Iorque, Penguin, 2024; STEINBERG, Stacey B. (2017). *Sharenting: Children's Privacy in the Age of Social Media*. Emory Law Journal, vol. 66, n.º 839.; BLUM-ROSS, A. / LIVINGSTONE, S. – "Sharenting," parent blogging, and the boundaries of the digital self. Popular Communication, 15(2), 2017, 110-125. Audio-visual: ARKANGEL, Direção: Jodie Foster; Argumento: Charlie Brooker, Reino Unido, Netflix, 2017. Episódio da série *Black Mirror*; EIGHTH GRADE Direção: Bo Burnham, EUA, 2018. Podemos estar assim perante um duplo fenómeno, em que passa a haver uma clara dimensão de alienação, quando se leva o enlevo a cegueira e à exposição pública de crianças e familiares que podem já não o ser...

⁸ Cf., especialmente, LAUAND, Jean — *O Pecado Capital da Acídia na Análise de Tomás de Aquino*, in "Videtur", CEMOROC, USP, Porto, n. 28, 2004, pp. 35-62.

inconsequentemente um fugaz paraíso artificial, ou trabalhar sem história. *Suum cuique* – a cada um o que lhe compete. *Rectius: laissez faire, laissez passar.* Ou, na fórmula popular, « cada um come do que gosta ». Em tese, sim. Embora haja muitos perigos, quer na educação pueril, quer na própria condução política das sociedades. Vergílio Ferreira dava o exemplo da higiene. Pode haver quem não queira lavar-se... Por isso vai-se apenas ceder ao direito de cada um fazer o que quiser? Em contrapartida, temos o exemplo do punitivismo contra fumadores, obesos, etc.. É necessário muito discernimento para não resvalar nem para minimalismos nem para maximalismos.

Mas (para além de todas essas considerações) que seria preferível haver mais intelectuais e artistas menos ensimesmados e mais social e eticamente comprometidos, e cidadãos comuns menos alienados, isso seria. Para proveito geral e também de cada um. Não se decreta, porém, um tal empenhamento.

Entretanto, vale a pena revisitar os trabalhos de Max Weber sobre a vocação política e a vocação científica – *Politik als Beruf* e *Wissenschaft als Beruf*⁹: a Política como vocação e a Ciência como vocação.

Se substituirmos ciência por intelectualidade em geral, poderemos colocar o problema de uma forma mais abrangente. Afinal, política e intelectualidade (como política e ciência) não podem viver totalmente separadas. Não podem ser mescladas, confundidas, instrumentalizadas à vez uma pela outra. Mas é impossível não haver um inteligente e ético diálogo entre ambas. E a obra literária, artística, ou científica, se pode absorver e fascinar o seu criador, não deve afastá-lo do seu dever cívico de participação na *res publica*, tanto mais necessária, e espera-se que valiosa, quanto um criador, por natureza, deveria ser uma pessoa livre, e consequentemente capaz de um alto contributo para a sociedade. Porque um dos traços, na verdade uma *virtude cívica*, que está a faltar mais, mesmo em sociedades democráticas (mas em situação crepuscular) é o amor da Liberdade, pela Liberdade, e o seu exercício sem receios de inconveniências, represálias, e afins dissabores.

As democracias não estão realizadas nos seus mínimos fundamentos quando há quem se coíba de pensar pela própria cabeça e se acolha à opinião de toda a gente, que é a cómoda. Como na teoria do medalhão, de Machado de Assis: "Podes entusiasmar-te pela luz, pelos astros, por um conceito de bota, por um perfil de mulher, contanto que não passes desses entusiasmos de superfície. Quanto às ideias, o melhor é não as ter; e

⁹ WEBER, Max — *O Político e o Cientista*, 2.^a ed. port. com introdução de Herbert Marcuse e trad.de Carlos Grifo, Lisboa, Presença, 1973.

no caso de as não poderes evitar, que sejam tais que não obriguem a ninguém.¹⁰ Ou quando há quem ainda pense mas guarde os seus pensamentos na gaveta da alma, para que passem entretanto os maus tempos, e os possa trazer à luz mais tranquilamente. As ditaduras têm polícias políticas e censura instituída. Democracias frágeis, frouxas, colaboracionistas, tendem a produzir atores sociais meias-tintas, dizendo banalidades e a deixar calados os que receiam pela própria pele, ou, ao menos, pela sua reputação e antes de tudo por uma certa paz. Por isso é dramática, nessas situações, a falta de vocações políticas e de vozes originais.

No nosso caso, honra aos que ainda pensam e falam (é ainda um regalo ler certos colunistas de alguns jornais e revistas e ver e ouvir certos programas de televisão e rádio – mas são comparativamente poucos: os dedos de duas mãos chegarão, ou quase, para os contar, cremos). Vai havendo alguns. E outros ainda haveria, se tivessem oportunidade de aceder aos palcos da comunicação.

¹⁰ ASSIS, Machado de — « Teoria do Medalhão », *Obra Completa de...*, Rio de Janeiro, Editora Aguilar, 1962, vol. II, p. 391.

II

DELICADEZA: ETHOS OU VOCAÇÃO?

MUNDOS PARALELOS

On n'échappe pas à l'esprit du temps : incrédule, distancié, désabusé. Mais quoi ! On ne peut pas fuir ni 'déconstruire' sans cesse, il faut bien s'engager et façonne aussi (...) Tous ces désagréments ont une seule et même cause : l'ignorance ou le déni de la politesse.

Bertrand Buffon¹¹

1. Da Histórica Coexistência dos Contrários

A convivência, não a união (fusão ou coincidência), dos contrários (recorda-se a velha *coincidentia oppositorum*, de Nicolau de Cusa), parece ser uma realidade historicamente comprovada, pelo menos em algumas épocas.

Um dos clássicos exemplos (que aliás se repete, com poucas variantes, nos dias de hoje) é a coexistência, durante a época Renascimento¹², de uma mentalidade em geral fazendo esforços de razão e de ciência, a qual contudo vive paredes meias com um crescendo de adivinhação, alquimia, astrologia e outros esoterismos.

Basta recordarmos nomes como os do médico (mas também alquimista) Paracelso, do também médico e sacerdote Marsílio Ficino, ou do religioso dominicano e cosmógrafo Giordano Bruno para compreendermos essa associação em termos elevados. Já se descermos ao nível das vulgarizações e das meras crenças populares, teremos então uma colorida amalgama de aproximação vaga à ciência e até à filosofia com certos modos mais heterodoxos de espiritualidade.

Talvez se possa escavar nessas « artes » e descobrir nelas alguma raiz ou resíduo racional. Decerto que haverá muito em comum entre a alquimia e a química, ou a astrologia e a astronomia – para usar designações de forma mais contemporânea. Mas, à

¹¹ BUFFON, Bertrand – *Le Goût de la politesse*, 3.^a ed., Paris, Transboréal, 2018, pp. 11-12.

¹² Cf., v.g., YATES, Frances A. – *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, Londres, Routledge and Kegan Paul / Univ. of Chicago Press, 1964 ; ANDRÉ, João Maria – *Renascimento e Modernidade. Do poder da magia à magia do poder*, Coimbra, Minerva, 1987. Para enquadramento geral, nomeadamente, BURCKARDT, Jacob – *A Civilização do Renascimento Italiano*, trad. port., 2.^a ed., Lisboa, Editorial Presença, 1983; DELUMEAU, Jean – *A Civilização do Renascimento*, trad. port., Lisboa, Estampa, 1983, 2 vols.

primeira vista, o que ressalta é a flagrante oposição entre polaridades do pensar humano. O qual também implica práticas, um agir – melhor, várias maneiras de atuar.

Também hoje se verificam outras coexistências, não se diria pacíficas, mas de costas voltadas umas para as outras. Se dialogassem, talvez rebentasse a borrasca. Assim, há segmentos sociais que seguem ora umas, ora outras, sem que os mundos de uns e dos outros se cruzem ao ponto de se confrontarem visivelmente e em bloco. Há mesmo tentativas de explicação racional de desrazões com capa de ciência, como é o caso da revista da Associação francesa para a informação científica – Afis – « *Science & pseudo-sciences* », que parece fazer um grande serviço ao rigor.

Uma das mais patentes oposições nos nossos dias é, naturalmente, a ideológica¹³. Mas essa está escancarada e até gritante na ágora, e não foge a ninguém que se interesse pelas notícias. Aliás, nelas preenche uma enormíssima parte – a parte belicosa, cada vez mais.

2. Polidez vs. Brutalidade / Boçalidade

Falamos aqui de uma outra realidade, embora talvez se possa estruturalmente abeirar da dialética razão/desrazão: a coexistência da brutalidade e boçalidade e coisas análogas, de um lado, com a sensibilidade, delicadeza, *souplesse*, diplomacia e afins, no trato quotidiano, de outro lado.

Não sofismemos as realidades. Há um mundo duro, agressivo, cínico, e um mundo preocupado com valores, desde logo éticos (como o respeito pela palavra dada) e estéticos (não apenas a « grande arte »), como a simples decoração do lar ou o bem vestir, sem esquecer o cuidado e elegância do falar e escrever). Pode ser-se completamente alienado do lado do mundo brutal, mas também da banda do mundo ético e estético. As palavras de D. Quixote são eloquentes, em qualquer das línguas /

¹³ A bibliografia sobre o tema é quase infinita. Classicamente, v. MANHEIM, Karl – *Ideologie und Utopie*, Bona, 1930, trad. port., *Ideologia e Utopia*, 4.^a ed. bras., Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1986; ALTHUSSER, Louis – *Idéologie et appareils idéologiques d'Etat*, La Pensée, trad. port. de Joaquim José de Moura Ramos, *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Lisboa, Presença, 1974.

Debruçámo-nos pontualmente sobre a questão, por exemplo, em *Mito e Ideologias. Em torno do Preâmbulo da Constituição*, in « Vértice », II série , n.º 7, outubro de 1988, Lisboa, p. 25 ss. ; *Ideologia e Direito na Constituição de 76*, in “Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Jorge Ribeiro de Faria”, Faculdade de Direito da Universidade do Porto /Coimbra Editora, março de 2004; *Da Crise dos Cânones à Metamorfose das Ideologias*, in “Estudos em Homenagem do Prof. Doutor Armando Marques Guedes”, Faculdade de Direito de Lisboa, 2004; *Repensar a Política. Ciência & Ideologia*, 2.^a ed., Coimbra, Almedina, 2007, *El Derecho Natural, Historia e Ideología*, in *Las Razones del Derecho Natural. Perspectivas teóricas y metodológicas ante la crisis del positivismo jurídico*, 2.^a ed. corrigida, reestruturada e ampliada, Buenos Aires, Editorial Ábaco de Rodolfo Depalma, 2008; *História, Ideologia e Ética da Propriedade. Relectio Jusfilosófico-Política*, in *Estudos em Honra do Professor Doutor José de Oliveira Ascensão*, Coimbra, Almedina, 2008, vol. I, pp. 623-636.

versões do filme. Por exemplo, em espanhol / castelhano parecem-nos especialmente significativas : « Ante ti mundo ruin miserable y falaz / Maldicion de los hombres de bien/ Llega hoy un hidalgo a retarte capaz / De morir por su honor o vencer / Yo soy yo Don Quijote, señor de la mancha / Me llama el destino a luchar (...) »¹⁴

A personagem, impregnada de ideais de cavalaria, faz bom diagnóstico do mundo, mas ver-se-á depois como confunde moinhos de vento com gigantes e outras coisas do género. Porém (mas não é este o lugar de uma exegese dessa obra imortal de Cervantes¹⁵), na loucura ou no delírio muito de acertado e profundo vê o fidalgo *de la Mancha*. Digamos que a insensatez da ética e da estética é radical, essencialmente positiva, enquanto a insensatez da brutalidade é naturalmente negativa. Um sinal disso: uma procura espalhar o bem, de forma altruísta; a outra é egoísta e chega a comprazer-se no mal alheio.

Por vezes, na rua, num qualquer espaço (descoberto ou coberto) da Pólis, cruzam-se elementos de um e de outro dos mundos. E pode eclodir alguma faísca. Mas, em geral, os educados optarão por uma resposta mais fria e contida, e deixarão os mal-educados a falar (a vociferar normalmente) sozinhos. Infelizmente, os educados não são perfeitos, nem santos, e por vezes não conseguem conter-se, normalmente com alguma ironia, o que deixa os outros possessos ou confusos, ou ambas as coisas.

Não há escolas de boçalidade, pelo menos não as há institucionais ou formais. Ela é o fruto do selvagem que nunca foi bom (pese embora a Rousseau, que noutros temas tão interessante e certeiro foi: não neste mito), porque não foi educado. O novo *mau selvagem* dos nossos dias pode até ter alguns ademanes de civilização superficial (até pode usar roupa e relógio de marca, e possuir telemóvel sofisticado), mas faltam-lhe maneiras, falta-lhe educação. Colheu em casa apenas os maus exemplos, e na escola (e alhures) absorveu a cultura de gangues ou similar.

Já as boas maneiras (e o bom pensamento e a boa índole – que não são únicos, mas plurais) além de serem fundo de famílias educadoras e de escolas que merecem esse nome, também têm a sua origem em recomendáveis companhias. *Diz-me com quem andas...* é um provérbio de uma insofismável justeza.

¹⁴ Apud
https://www.google.com/search?client=safari&hs=SrLU&sca_esv=99360303b308d140&rls=en&q=you+soy+yo+dom+quijsote+letra&sa=X&ved=2ahUKEwivk-nj586RAxX10gIHHQIyGMkQ7xYoAHoECA4QAQ&biw=1280&bih=654&dpr=2
(última consulta em 21/12/2025).

¹⁵ CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de — *Dom Quixote de la Mancha*, edição crítica de Francisco Rico, Madrid / Barcelona, Real Academia Española / Espasa, 2015.

Ao falarmos de dois mundos, não queremos dizer que qualquer deles seja homogéneo, e muito menos que o educado, polido, cívico, seja povoado por pessoas-*robots* que interiorizaram normas e as reproduzem fielmente, mecanicamente. Regras complexas de etiqueta têm povos a quem Bergson ainda chamava « selvagens »¹⁶, veros quebra-cabeças para os etnógrafos. O problema é o espírito! E é interessante que o filósofo francês considere que na raiz da polidez esteja um anseio de igualdade (proporção entre o mérito e a recompensa). Frédéric Worms recorda que Levinas dizia que no simples « depois de si » (ao abeirar uma porta) está o princípio de toda a ética¹⁷.

Pode assim haver regras várias, mas que comungam do mesmo espírito de tributar ao outro a sua dignidade e de não o atropelarmos, nomeadamente com snobismos ou pretenciosismos de toda a sorte, de que o racismo, a xenofobia e a misoginia são apenas alguns clássicos exemplos. Assim, das boas maneiras passamos para a política : « da *politesse* à política, da civilidade à civilização », para retomar Worms¹⁸. Um político com maneiras pode ser um hipócrita, mas um político sem maneiras nem sequer isso consegue ser. É portanto pior. Sabemos que a hipocrisia é, ao menos, o tributo que o vício à virtude presta.

Dois mundos, pois. Não é preciso muita sociologia para concluir pela marca social de uma e outra das opções. Não é exclusiva, porque há (e mais havia) muitas pessoas humildes educadíssimas (assim como muito cultas – relembremos as observações de António Sérgio¹⁹: desde logo os analfabetos gregos comuns da Antiguidade eram cultos). Porém, atualmente, registam-se com simpatia dois fenómenos que dão uma réstia de esperança na elevação do nível do gosto (note-se que Montesquieu preferiu escrever sobre o gosto²⁰, na *Encyclopédia*, recusando verbetes de grande teoria política e do direito), modos e até valores das massas.

Por um lado, há bastantes pessoas que se interessam por elevar o seu nível de conversa, de interesses culturais, de gosto estético (até nas maneiras à mesa, no vestuário), etc.

Por outro lado, cada vez mais há quem venha procurando satisfazer essa necessidade, até através de vídeos no *Youtube*, em que verdadeiros cursos de etiqueta,

¹⁶ BERGSON, Henri – *La Politesse*, nova ed., Paris, Payot / Rivages, 2024, pp. 19-20.

¹⁷ WORMS, Frédéric – Prefácio (*L'extrême Politesse*) a *La Politesse*, cit., p. 16.

¹⁸ *Idem, Op. loc. cit.*

¹⁹ Cf., desde logo, SÉRGIO, António – *Democracia*, Lisboa, Sá da Costa, 1974.

²⁰ MONTESQUIEU - *Essai sur le goût dans les choses de la nature et de l'art*, in *Oeuvres complètes*, texto anotado e apresentado por Roger Caillois, II, Paris, Gallimard, Bibl. da Pléiade, 1951, reimpr. 2001, p. 1240 ss.

moda, ou retórica são facultados, não poucos deles (pelo menos nos níveis elementares) gratuitos.

Uns são mais interessantes que outros, uns mais práticos que outros, mas até chegam a dialogar entre si, e de forma muito cordata, como seria de esperar, apesar de competirem, *grosso modo*, pelo mesmo público. Há ainda quem tenha maneiras!

Se na *Internet* procurarmos por algumas palavras-chave, encontraremos algo que nos convenha. Ou até a justificação explícita para a ausência desse algo. Ou então, pode-se perguntar o caminho à sempre disponível Inteligência Artificial, que nestas coisas é bastante fiável e cremos que ainda inócuas.

Agora só falta que os deseducadores queiram deixar de ver os sítios que habitualmente frequentarão, para aprender maneiras e o espírito delas. Do outro lado do mundo. Oxalá!

Como dizia o iconoclasta Oscar Wilde (alma paradoxal, essa!), « a well-tied tie is a first serious step in life ». Hoje estou persuadido de que saber fazer o nó de gravata Windsor completo será, para alguns, o maior divisor de águas. Não é o meu caso, mas recordo bem que, era eu ainda calouro em Coimbra, e numa conferência internacional em Itália, nos corredores me aconselharam, para fazer carreira internacional (que declinei): saber de vinhos, de queijos e de golfe. Mais ou menos como o duplo Windsor.

Corre-se o risco de confundir aparências e rituais com o essencial. E o essencial é uma sensibilidade de serviço e delicadeza para com os outros. E de respeito para consigo mesmo. Tudo envolvido por um contexto de bom senso. O resto são aspectos instrumentais, anciliares. O passaporte para o mundo da Educação é a atenção aos demais, não um snobismo egotista qualquer.

III
ETHOS DE NOVOS E VELHOS
MUDAM-SE OS TEMPOS...

Nihil enim semper floret; aetas succedit aetati.

Cícero²¹

1.Urgentes Sociologia, Política e renovação do Direito da Família

A Sociologia da Família é urgente, assim como é essencial vir a ponderadamente repensar alguns aspectos do Direito da Família. E mais ainda do que isso, e previamente, as políticas com impacto na célula familiar. O grande problema é que os ativismos e utopias do tipo politicamente correto, *woke* e afins (na verdade, distopias, no caso) que rondam estas matérias (e a elas se não limitam) são de tal forma que começam muitos a ter medo de apoiar as reformas que se impõem por legítimo receio das revoluções que podem desencadear... É uma regra normal da dinâmica social que desabridas ações de mudança impensada e impensável, muito ao arrepio não só de tradições (isso seria natural, para se evoluir) mas de um certo bom-senso mais perene e relativamente universal têm como reação atitudes de rigidificação conservadora, ou, pior ainda, reaccionarismos revanchistas de recuo muito para trás. Os extremos não só se tocam: mutuamente se alimentam.

Fala-se muito das famílias, mas aparentemente do que se está a falar (*hic et nunc*) é já pouco mais do que um agregado de consumo. Mas, realmente, o que são hoje tantas famílias de membros alienados e solitários senão consumidores de ainda algumas coisas em conjunto, de algumas datas relativamente passadas em grupo (casamentos, quando os haja, certos funerais, um ou outro Natal...), de uma chave comum de um apartamento? Se há instituição que precisaria de ser radiografada e bem ponderada é a Família, de que gregos e troianos falam tendo como referente idealizações que, certamente, na maioria dos casos, já não correspondem à realidade. E não dizemos que a realidade seja positiva. Mas factos são factos. O que não é saudável é existirem abismos

²¹ CÍCERO, M. Tullius – *Philippicae* XI, 39.

entre os contos de fadas em torno de certas instituições e a verdade à vista (ainda que toldada pelas ilusões) ser muito diferente.

Certamente há tabus em muitos quando se fala deste tema. Por isso não parece que ele seja muito pesquisado e tratado na ágora, senão por aspectos parcelares. Ora seria importante uma perspetiva global. Antes de mais, para se saber o estado a que se chegou.

2.Questões geracionais

Falemos de um aspecto parcelar também, mas da maior importância: as questões geracionais e a relação entre mais idosos e mais novos na Família (e também na sociedade em geral, onde se espelha e repercute essa relação essencial).

Mudou muito nas últimas décadas (e muito já tinha mudado antes) na relação dos mais novos (a começar pelas crianças e adolescentes) com os pais e os avós, tios, etc. Valerá a pena recuar um pouco, perspetivar passado e presente, e procurar compreender o que podemos esperar dessas duas realidades que compõem a sociedade. E não nos esquecemos que, se não morrer antes, a criança ou o jovem se virá a tornar ancião. Além disso (e simplificando, mas cremos que colocando o dedo na ferida), o grande problema dos mais novos deve-se aos mais velhos, porque estes é que não souberam dar prioridade à educação daqueles, ou embarcaram em modelos educativos que se têm revelado, na sua maioria, muito pouco conseguidos. Apesar do discurso triunfalista e híper otimista de muitos. Há desperdício e insucesso escolar real, há violência doméstica em todos os sentidos (por exemplo, sobre idosos; como há pedofilia que se passa, obviamente, no sentido contrário), e muito mais disfunções. Não se pode fechar os olhos a tudo isto. A ideia de lares aconchegantes, em que se está ao abrigo de males do exterior fica muito perturbada quando emergem estas situações.

Mas voltemos à dicotomia entre velhos e novos, sua maneira de ser e seus propósitos. Comecemos por uma clássica referência. Não terá sido por acaso ou mero rasgo de erudição que Aristóteles deixou inscritos na sua obra juízos que até não há muitos anos se poderiam considerar como sendo mais ou menos definitivos, ou tendencialmente imperantes, sobre o *ethos* comportamental de novos e velhos. Saber dos usos, aspirações e modos de uns e de outros, pelo menos os lugares comuns (*topoi*) a esse propósito, é elucidativo e cremos que poderá revelar-se útil.

Em geral, diz o Estagirita dos jovens: “Os jovens são inclinados ao desejo e propensos a satisfazê-lo. São volúveis e facilmente se cansam do que desejam. Amam a

honra e, sobretudo, a vitória, pois a juventude é possuída pela ambição. São confiantes, porque ainda não foram muito enganados pela vida. Vivem mais na esperança do que na memória; pois a esperança refere-se ao futuro, e a memória, ao passado.”²²

E sobre os velhos, considera: “Os velhos têm uma maneira de ser quase simétrica da dos jovens. Vivem mais da memória do que da esperança, pois o que resta do futuro é escasso. São desconfiados e suspeitosos, porque foram muitas vezes enganados. Não afirmam nada com segurança, mas acrescentam sempre ‘talvez’, ou ‘pode ser’. Amam-se mais a si próprios do que o belo, pois o amor de si nasce da fraqueza.”²³

Os traços relativamente à relação de ambos os grupos com o dinheiro e os bens são (ou eram...) muito reveladores. Dos jovens, diz o filósofo que “São liberais, pois ainda não aprenderam o valor do dinheiro e ainda não experimentaram a falta.”²⁴; e dos velhos pondera: “São avarentos, pois aprenderam quão difícil é adquirir e quão fácil é perder.”²⁵.

Para quem conheça a ética de Aristóteles²⁶, e da relevância que aí adquirem as virtudes (nomeadamente as cardeais, mas outras ainda), importa referir que, nesta abordagem (não por acaso na Retórica), o que importa não é um julgamento ético sobre a conduta normal de jovens e idosos (e nesse caso o *mesotes*²⁷ virtuoso, advogado pelo filósofo, estaria algures entre o perdulário e o avarento) mas a indicação de quais os argumentos para que apelar perante um auditório mais jovem ou mais idoso. Por exemplo, a questão parece muito pertinente hoje, quanto à conquista de eleitorado. Para conquistar os jovens não funcionam *slogans* de conservação, segurança, mas de rutura, com sonhos de futuro. Quer a rutura venha de uma banda, quer de outra. Parece, aliás, haver algo de cíclico na escolha dos extremos: certos tempos são de preferência juvenil pelas esquerdas, certos outros pelas direitas – mas em muitos casos com extremismo.

²² ARISTÓTELES – *Retórica*, II, 12, 1389 a–b – trad. livre.

²³ *Idem*, *Ibidem*, II, 13, 1390 a-b.

²⁴ *Idem*, *Ibidem*, II, 12, 1389 b.

²⁵ *Idem*, *Ibidem*, II, 13, 1390 a.

²⁶ Cf., v.g., a ed. fr. da principal obra ética do Estagirita: ARISTÓTELES – *Ethique à Nicomaque*, 6.^a tiragem, Paris, Vrin, 1987. O nosso ponto de vista sobre esta obra pode colher-se nomeadamente em Aristóteles: *Filosofia do Homem – Ética e Política*, in “Revista Internacional d’Humanitats”, Barcelona, ano VIII, n.^º 8, 2005, *Repensar a Política. Ciência & Ideologia*, Coimbra, Almedina, 2005, *O Comentário de Tomás ao Livro V da Ética a Nicómaco de Aristóteles*, São Paulo/Porto, “Videtur”, n.^º 14, 2002, pp. 45-58, “As Duas Justiças – Justiça Moral e Política vs. Justiça Jurídica (A partir do Comentário de Tomás de Aquino ao Livro V da Ética a Nicómaco de Aristóteles)”, in *O Século de Antígona*, Coimbra, Almedina, 2003, pp. 43-70.

²⁷ ILIOPoulos, Giorgios — *Mesotes und Erfahrung in der Aristotelischen Ethik*, in φιλοσοφία, n.^º 33, Atenas, 2003, p. 194 ss..

É claro que a descontrolada (e bastante anómica já) sociedade ocidental hodierna pode trocar as voltas aos comportamentos tradicionais e esperáveis. Por exemplo, é decerto possível que vejamos agora jovens mais previdentes, prudentes e parcimoniosos, desde logo poupadados, porque já podem prever (no presente contexto) um futuro sem Segurança Social e pensões de aposentação, serviços médicos públicos universais e tendencialmente gratuitos, etc., ou com essas e outras instituições muito debilitadas e/ou ineficazes. A adversidade já antecipada no horizonte futuro lhes aguça o engenho, e, convenhamos, envelhece-os. Mas poderá ser-lhes objetivamente muito útil.

Em contrapartida, podemos hoje observar velhos gastadores (alguns dos que o podem fazer, claro), dissipando riqueza herdada ou ganha ao longo de uma vida de trabalho ou, mais plausivelmente, negócios. Mas porquê? Porque pensarão, decerto, não tendo herdeiros diretos (filhos e netos) não valerá a pena poupar para sobrinhos-netos distantes e ausentes nas suas vidas mais ou menos solitárias. Afinal, fazer beneficiar os que acabam (ainda que inconscientemente) por considerar como “ingratos” repugna-lhes. Pressentindo, pela ordem natural das coisas, uma partida que já não demorará em princípio muito, não querem ficar com o arrependimento (póstumo?) de não terem vivido o que tinham a viver, e para isso abrem os cordões à bolsa. *Quem vier depois que feche a porta*. Nem pensam que podem durar mais do que o previsto e vir a ter doenças e outros azares, para que ter fundos disponíveis seria muito necessário.

Podem compreender-se muito bem ambas estas atitudes. Duvidamos, porém, que estes novos comportamentos sejam generalizados. Talvez ainda se possa dizer que os paradigmas antigos, que Aristóteles surpreendeu, ainda estarão em muitos lugares em vigor.

Esta dicotomia leva-nos a uma questão mais geral. A verificar-se um crescendo de atitudes como as referidas, destacando-se dos padrões de comportamento tradicionais, algumas certezas ficam abaladas. Não deixa de ser perturbador, para mais num tempo, como o nosso, de já tão vasta perda de esteios sólidos, ver-se que aqueles arquétipos tradicionais, de há tantos e tantos séculos, pelo menos, sejam postos em causa, e corram o risco de, a prazo, ser substituídos. Porque faziam sentido. E a literatura, o teatro, o cinema, que são espelhos das nossas sociedades, sempre mais ou menos deles se fizeram eco.

Mas está longe de tratar-se apenas da relação das pessoas com o dinheiro e os bens em geral: trata-se de mudanças mais alargadas, que abarcam muitos aspectos da vida. Ainda no registo de questões por assim dizer etárias, assinalemos apenas uma

mudança imensamente relevante, com implicações multidimensionais do maior relevo: não é só o já proverbial *generation gap*, que sempre existiu. É mais grave: do que hoje se trata é de uma alteração profunda das relações entre novos e velhos (que podem ser estigmatizados até com epítetos ofensivos, oprimidos, encarcerados, agredidos, roubados ou furtados, etc.), como essa mutação começa logo na família, em que crianças e adolescentes assumiram de algum modo a direção da casa. Muitos ecos se ouvem de pais desautorizados, insultados, agredidos, prisioneiros, pelo menos, da chantagem emocional dos filhos, a quem passaram a servir²⁸. Esta relação obviamente está na origem dos imensos problemas da escola, atualmente, ao ponto de já poucos terem vocação de abnegação e martírio ao ponto de seguir carreiras docentes. A escola está a arder²⁹ porque a família lhe transmitiu *incendiários*, e os professores já não conseguem ser *bombeiros*.

Trata-se de mudanças totalmente diversas do antigo e do esperado pelos que hoje estão na chamada meia-idade (ou meias-idades, já que parece haver várias contabilizações ou periodizações) e temem por uma velhice desamparada – quer por retirada e deserção públicas, quer por egoísmo e ausência privadas. É que, como dizia Camões, *se não se muda* (sequer – dizemos nós) *já como soia*³⁰.

Não há perfeição neste Mundo (é da sua própria natureza, parece – e daí a responsabilização humana que representa a sua perfetibilidade). Estes movimentos de alteração social profunda são imparáveis e apenas a conjugação de múltiplas vontades poderia, no máximo, sustê-los. Ora não estamos a ver muito quem se proponha lutar pelos direitos de futuros pensionistas, dos pais e avós tiranizados (sem falar nos professores), dos clássicos modos de anciãos e jovens, etc. São causas não só perdidas como certo passaporte para o ridículo, o cancelamento, a excomunhão...

E, contudo, haveria que, na medida do raio de ação de cada um, pugnar por justiça social³¹, educação e boas maneiras, boa conduta (ou boas práticas éticas) na vizinhança, comercial, financeira, etc., no próprio interesse de cada um, e também para o que antigamente se costumava chamar “Bem Comum”.

Porém, fica-se com a amarga sensação de se estar sempre a pregar aos peixes, porque as pessoas nos não ouvem. Mas vamos lá pensar: porque nos ouviriam? A vida

²⁸ Já referimos esta terrível questão *supra*.

²⁹ Cf. o nosso *A Escola a Arder*, Lisboa, O Espírito das Leis, 2005.

³⁰ CAMÕES, Luís de – Soneto: "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades », in *Rimas*, edição de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, com nova apresentação de Aníbal Pinto de Castro, 4.^a reimpressão da edição de 1994, Coimbra, Almedina, 2005, p. 111.

³¹ Cf. o nosso *Justiça Social*, Coimbra, Gestlegal, 2021, Prefácio de Arnaldo de Pinho.

já é assim dura demais, para uns, aborrecida em demasia, para outros, etc. É muito mais cômodo, pois, não pensar nas causas mais profundas e atuantes do mal-estar generalizado, e ir seguindo em frente. Ainda que seja para o abismo. A verdade é que alarmistas tanto têm gritado por *Lobo, lobo!* (como na estória imortalizada no conto Sinfônico de Sergei Prokofiev) que já poucas gentes acreditam mesmo que vem aí algum mal, ou se cairá decisivamente. E as que acreditam são muito ingênuas, o que certifica as demais no seu ceticismo.

Não se trata de ideologia e muito menos de glorificar quaisquer (porque são vários) *good old times*. Posicionemo-nos apenas de forma prática, mesmo desprovida de qualquer juízo de valor. Com a maior neutralidade: o que parece ressaltar ao bom senso é que se necessita, pelos dados agora visíveis e acessíveis, de um conjunto de grandes adaptações, ou reformas, se quisermos. Vale a pena citar Kennedy: “Those who make peaceful revolution impossible will make violent revolution inevitable.”³² Isto também se aplica às matérias que temos vindo a comentar.

O cenário foi mudando, e depois rapidamente se alterando: o que fazer? Pode-se fazer como toda a gente – nada. Pode-se tentar dar um mínimo contributo para uma mudança não cega ou simplesmente comandada pela força das coisas. Ao invés, inspirada por uma resistência ética. De entre muitas resistências, cremos ser a essencial³³.

O mais natural é que, mesmo depois de uma vida de esforços e privações por um ideal simples de eticidade e democracia, ordem e equilíbrio, etc., nada se consiga? Certamente. Ou que se consiga algo de muitíssimo escasso e pouco significativo. Todavia, ficará o orgulho de se não ter seguido o rebanho panúrgico³⁴, de se ter assumidamente cumprido o seu dever. Pouca coisa, quase nada, ou nada mesmo, pelos (anti-)valores imperantes em grandes setores da sociedade. Mas de um enorme valor absoluto.

³² KENNEDY, John F. – *Special Message to the Congress on the Urgent Needs of the Nation*, Washington, DC, 13 mar. 1962 (Discurso presidencial).

³³ Várias obras interessantes têm contemporaneamente chamado a atenção para a necessidade dessa resistência, como diferentes matizes entre si. Obviamente sem nos comprometermos com os seus projetos e ponderações, cremos merecerem citação especialmente duas: SAQUÉ, Salomé – *Résister*, 2024; CHEMILLIER-GENDREAU, Monique – *Pour un conseil mondial de la Résistance*, Paris, Éditions Textuel, 2020.

³⁴ Cf. GLUCKSMANN, André – *Les Maîtres Penseurs*, Paris, Seuil, 1977 ; Idem – GLUCKSMANN, André – *La Cuisinière et le Mangeur d'Hommes*, Paris, Seuil, 1975.

IV

JUSTIÇA COMO VOCAÇÃO

On ne dit pas ce qu'est la justice, mais ce qui est conforme à la justice qui fait partie de nous, de l'être et de la société.

Stamatis Tzitzis³⁵

Finalizemos com um pequeno exemplo em que a necessidade de uma vocação clara (e quiçá também de um *ethos* adequado) é imprescindível, para a felicidade pessoal e para o Bem Comum. Falamos da vocação jurídica. Ou das vocações jurídicas, para sermos mais exato.

Todos sabemos, juristas e não juristas, que há diversas vocações e profissões jurídicas. Apesar de muitos dizerem de Fulano ou Beltrana estudam “para advogado/a”, neste contexto “advogado” quer dizer “jurista”, englobando, portanto, várias profissões. Erro comum, que corresponde à figura chamada retoricamente *metonímia*, como também se sabe.

Mesmo que se haja sentido a vocação da Justiça, é necessário escolher bem, com muito discernimento, que profissão abraçar.

O simples anelo pela Justiça não quer dizer que se venha a ser um bom jurista, indiferentemente da vocação específica de cada um. Até pode, de resto, haver quem tenha muitas qualidades, e desde logo *vontade de Justiça*³⁶ (base de querer cursar Direito³⁷) e, contudo, mais senta o apelo de uma atividade política, caritativa ou de intervenção social, negocial não jurídica, ou filosófica jurídica, entre outras.

Por estes exemplos já vemos que alguns podem ser chamados para uma ação pública, outros para uma atividade mais privada, ou até sobretudo reflexiva (mais recolhida ainda). Um caso interessante é o dos professores de Direito, que por vezes acumulam com outras profissões (e vice-versa), mas (independentemente da sua outra atividade), para serem bons docentes, precisam de possuir um conjunto de requisitos de

³⁵ TZITZIS, Stamatis – *Les interludes de droit dans la symphonie de justice: essais de philosophie politique et juridique*, Paris, Hermann, 2021.

³⁶ Cf. o nosso livro *Vontade de Justiça. Direito Constitucional Fundamentado*, Coimbra, Almedina, 2020, com Prefácio do Presidente do Supremo Tribunal Federal do Brasil, Ministro Prof. Doutor Luiz Edson Fachin.

³⁷ Especificamente sobre a escolha do Direito e do Curso de Direito, v. o nosso livro *Escolher Direito*, Porto *et al.*, Edições Esgotadas (no prelo), máx. a última parte.

estudo, investigação, pedagogia e didática, etc. Pessoalmente, não concebemos também que se possa ser um docente realmente abrangente e com utilidade prática para os estudantes. se não tiver (tido, ao menos tido em alguma ocasião da sua vida) algum contacto com a vida prática do Direito, nalguma outra profissão jurídica, além da docência e da investigação.

Andamos por vezes em situações confundidas. Já Paulo Merêa falava de seleção ao invés. Por vezes, não se aproveitam as verdadeiras, as mais profundas vocações. Muitos julgam dever ir para uma determinada carreira por causa de uma ideia romanceada que fazem de uma função, trabalho, ou cargo, e, depois, não conseguem arcar com os *ossos do ofício*, ou nele se desgastam imensamente, ou então morrem de tédio.

Há profissões para potencialmente todo o tipo de juristas (ou melhor: de pessoas, que se tornaram juristas – porque ser pessoa vem primeiro). Dentro e até fora do círculo clássico das atividades jurídicas tradicionais. O importante é ir-se o candidato aproximando da realidade prática de cada uma. Nessa senda, fazer vários estágios em diferentes tipos de trabalho é muito enriquecedor e dá uma impressão mais vívida do que é a rotina em cada um. Até o trabalho de pesquisa hoje é antecipado, pelo menos, em seminários de mestrado (e, naturalmente, de doutoramento) e de alguma forma também os aspetos mais *verdadeiramente docentes* da docência (que hoje está eriçada de espinhos burocráticos, os quais afastariam certamente a maioria esmagadora dos potenciais candidatos à profissão, se acaso lhes fossem previamente mostrados), sobretudo aquando da exposição oral de trabalhos.

Há também aspectos psicológicos e costumes de grupo (ou *ethos profissional*) que será interessante ir apercebendo (embora com cuidado, para não incorrer em preconceitos que estigmatizam esta ou aquela classe de juristas). Por exemplo, talvez pudéssemos dar como exemplos relativamente consensuais a velha distinta camaradagem, muito cordial, entre colegas advogados (sem prejuízo de vigorosa defesa dos seus constituintes), a particular cautela prudencial dos notários e conservadores de registo, a capacidade de síntese oral e de decisão dos juízes (pessoalmente, decerto ao contrário do que será percepção repetida mediaticamente sobre os tribunais, nunca estivemos em nenhuma reunião do foro em que se tivesse perdido tempo), etc.

A escolha de um rumo na carreira jurídica a seguir é tanto ou mais importante que a própria escolha do curso de Direito. Por isso, é necessário não apenas refletir abstratamente, ou antecipar futuros sem ponderar concretos e vividos dados. Há que

fazer estágios, que falar com os respetivos profissionais, e depois decidir com pleno conhecimento de causa. Evidentemente que, antes de mais, importa seguir o velho imperativo delfico: *conhece-te a ti próprio*. Só quem se conhece poderá bem decidir da sua vida, inclusivamente da sua vida profissional.

A Justiça é um dos pilares fundamentais de qualquer sociedade. Mas não se consegue fazer Justiça se os agentes da justiça ou atores jurídicos (de todas as profissões jurídicas), sobretudo os que compõem os tribunais, não forem *pessoas justas*. Esse, o primeiro requisito.

Depois, precisam de se encontrar *preparados*, não só tecnicamente, como eticamente e com inteligência multidimensional (portanto, também emocional).

Também precisam de estar *motivados*, e por vezes dir-se-ia transcendentemente empenhados no seu trabalho (que deve ser uma espécie de religião – já os Romanos diziam que os juristas eram sacerdotes que cultuavam a Justiça: *Cuius merito quis nos sacerdotes appelle: iustitiam namque colimus et boni et aequi notitiam profitemur*³⁸).

E o último, mas quiçá também primeiro requisito, é estarem *imbuídos de coragem* moral, e até física. Recordemos que o grande advogado brasileiro Heráclito Sobral Pinto (1893–1991), proferiu uma justíssima frase, que ficou nos anais, sendo felizmente muito recordada³⁹ "A advocacia não é profissão para covardes"⁴⁰.

Justos, preparados, motivados, corajosos – assim têm de ser todos os juristas, cada vez mais, com a consciência de que podem ter de ser (e algumas latitudes já são) a grande fronteira entre a Ordem e a Anarquia, a Liberdade e a Opressão, a Civilização e a Barbárie. Mas, para isso, é preciso mesmo querer, sentir um *chamamento*. Não pode ser só por almejar ficar rico sem saber Matemática, como um da gracejou um arguto jurista brasileiro⁴¹.

Porto, fins de dezembro de 2025

Recebido para publicação em 18-12-25; aceito em 23-12-25

³⁸ D. 1, 1, 1, 1.

³⁹ Tivemos a honra de a citar em discurso de posse como membro honorário do Instituto dos Advogados Brasileiros, no Rio de Janeiro, em 27 de março de 2019.

⁴⁰ [https://arquivo.iabnacional.org.br/noticias/advogado-portugues-toma-posse-como-membro-honorario-e-cita-sobral-pinto#:~:text=Professor%20catedr%C3%A1tico%20e%20diretor%20do%20Instituto%20Jur%C3%ADlico,\(IAB\)%2C%20na%20sess%C3%A3o%20ordin%C3%A1ria%20desta%20quarta%2Dfeira%20\(27/3\)%2C](https://arquivo.iabnacional.org.br/noticias/advogado-portugues-toma-posse-como-membro-honorario-e-cita-sobral-pinto#:~:text=Professor%20catedr%C3%A1tico%20e%20diretor%20do%20Instituto%20Jur%C3%ADlico,(IAB)%2C%20na%20sess%C3%A3o%20ordin%C3%A1ria%20desta%20quarta%2Dfeira%20(27/3)%2C) (site do IAB).

⁴¹ Inocêncio M. COELHO, “A Reforma Universitária e a Crise do Ensino Jurídico”, in *Encontros da UnB*, Brasília, Ed. Univ. Brasília, 1979.